

O livro *Da criação ao roteiro* é adotado pelo Real Instituto Oficial de Rádio e Televisão da Espanha, pelas universidades do Cone Sul, de Portugal e da Itália, bem como em separatas pelas Escolas de Cinema de Berlim e Munique. Todavia, esta edição foi totalmente revista e atualizada, contendo material inédito.

À Lorena, a mais nova das minhas três formosas filhas.

O autor tem direito ao prefácio e aos agradecimentos, mas creio que ao leitor pertencem tanto um como o outro, isto é, um silencioso e agradecido posfácio.

Parafaseando Nietzsche (variante descartada do §38 de *Humano, demasiado humano* (1877), citada no posfácio do tradutor de *Human, all too human* [1].

Trad. Gary Handwerk. Palo Alto: Stanford University Press, 1995, p. 361)

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| 1. Panorama – dramaturgia e roteiro..... | 13 |
| 2. O roteiro | 27 |
| 3. A ideia..... | 39 |
| 4. O conflito | 57 |
| 5. A personagem..... | 67 |
| 6. A construção dramática | 111 |
| 7. O tempo dramático..... | 167 |
| 8. A unidade dramática..... | 216 |
| 9. Tratamento final | 232 |
| 10. O roteirista..... | 294 |
| 11. Outros roteiros | 313 |
| 12. Meios e linguagens..... | 336 |
| 13. Humor na TV..... | 373 |
| 14. Roteiros para novas mídias | 389 |
| 15. Diário secreto, conselhos e epitáfio para um roteirista | 426 |
| Anexo 1 – Amplo estudo bibliográfico, bibliografia e sites | 457 |
| Anexo 2 – Glossário | 479 |
| Anexo 3 – Posfácio e agradecimentos | 493 |

1 PANORAMA – DRAMATURGIA E ROTEIRO

Quem é tão firme que não possa ser seduzido?

Shakespeare (*Julius Caesar*, 1623,
ato I, cena 2, linha 309)

A consistência é o último refúgio do sem imaginação.

Oscar Wilde ("The relation of dress to art" [1885].
In: *Miscellanies*. Londres: David Price, 1908, p. 35)

REFLEXÕES SOBRE A DRAMATURGIA

A **dramaturgia** começa com a história da humanidade. É uma das mais antigas expressões da capacidade artística do ser humano. Arte de representar emoções por meio de personagens vivenciadas por atores.

Nascida em altares, palcos, grutas ou arenas, ela passou a existir desde o instante em que o homem iniciou a aventura do imaginar. Podemos dizer que são dezenas de milhares de anos de história da dramaturgia. Números e mais números, anos e séculos, um longuíssimo período de tempo para ser analisado e estudado.

Todavia se usarmos outra medida para vislumbrar a milenar história da dramaturgia alcançaremos um novo panorama. Podemos dividir por décadas, ciclos históricos ou movimentos artísticos. Preferimos escolher outra medida que chamamos de períodos geracionais.

Sabendo que o homem, de acordo com as últimas revelações da ciência, deixou de ser nômade pelos últimos cinquenta mil anos, dividiremos tal quantia de anos por essa constante chamada **período geracional** e assim poderemos estudar passo a passo a evolução da dramaturgia com números menores. Obviamente a possibilidade de nos perdermos será menor, mesmo levando em conta que a nossa constante é aleatória. Aliás, todos esses números e cifras são apenas aproximações matemáticas, já que afir-

mações de que o *Homo sapiens* moderno existe há 190 mil anos ou de que tal achado é de 150 mil anos são suposições. Valem apenas para compor teorias e esclarecer o raciocínio.

Para enxergar uma panorâmica da dramaturgia, ao contrário do que se pensa, é melhor dividir, partir em pequenos pedaços, em vez de querer abraçar um todo. Pode parecer um paradoxo, mas enxergaremos exatamente em que ponto começa a arte cinematográfica, a televisiva e a teatral.

Senão vejamos: supondo que um período geracional é marcado pela fecundidade das mulheres dentro de um sistema familiar, conclui-se que a cada 65 anos teremos um conjunto formado por uma neta começando a menstruar, uma mãe adulta em plena atividade hormonal e uma avó na menopausa. A esse ciclo de 65 anos vou chamar de período geracional.

Reafirmo que esses cálculos são aproximados, matematicamente desprovidos de verdades, mas impossíveis de serem contra-argumentados com outras “puras verdades”. De acordo com P. B. Medawar e J. S. Medawar, em *The life science* (1977), “o comportamento humano é único por ser genuinamente intencional e falho, somente os seres humanos guiam o seu comportamento por um suposto conhecimento do que aconteceu antes de nascerem e uma pré-concepção do que pode acontecer depois que morrem”.

Assim o período geracional é uma medida como outra qualquer, mas terrível quando uma família inteira (neta, mãe e avó) morre retirando sua cadeia genética e destruindo um período geracional completo da existência.

De todas as formas, tornando o período geracional uma **unidade de tempo** e sabendo que o homem coloniza o planeta pelos últimos 50 mil anos, ao operar a divisão de 50 mil anos por 65 anos chega-se ao resultado **aproximado** de que o homem viveu **800 períodos geracionais**. Oitocentos períodos geracionais é um número mais fácil de lidar e que nos capacita a observar com maior distância a história da palavra, da comunicação de massa e do drama.

Dos 800 períodos geracionais, o homem passou 650 períodos desenhando pequenos búfalos e outros animaizinhos nas cavernas. São as famosas pinturas rupestres, datadas em centenas de anos e que francamente pouco de arte contêm. São fragmentos de arte pictórica de imenso valor arqueológico, mas de pouco valor artístico. É o início da evolução.

Concluindo, a maior parte da sua existência a humanidade inventou a roda, descobriu que o fogo queima e pintou bichinhos nas cavernas.

Só nos últimos 93 períodos surgiu a escrita, a capacidade de se comunicar por meio da palavra escrita. E nos últimos 9 a possibilidade de repetir a palavra, o pensa-

mento e a imagem com a invenção de uma máquina capaz de fazer as outras máquinas de impressão multiplicarem produção, volume e qualidade. Estamos falando de Gutenberg e sua máquina de impressão (linotipo), um passo gigantesco na expansão da cultura e da propagação da palavra escrita, da ideia.

Essa diabólica máquina ocasionou significativas reações e oportunismos que ainda nos parecem atuais e provam que a história pouco ensina aos homens. Em 1515, o Senado de Veneza tentou banir a máquina de impressão por ela ser considerada uma meretriz, já que abundância de livros tornava os homens menos estudiosos. Ao mesmo tempo concedia ao abastado editor Aldo Manúcio o monopólio das edições em grego e também o direito de usar o tipo itálico para imprimir em latim, aliás sob protesto do desenhador Francisco Griffio, que acabou enjaulado. Nascia simultaneamente a censura, a perda dos direitos autorais e o monopólio dos meios de comunicação, sementes que germinam até hoje.

Nos últimos quatro períodos mede-se o tempo com precisão. O uso da eletricidade incandescente existe há somente dois períodos, graças a Thomas Edison. E todo o resto, incluindo nós mesmos, somos filhos de todas as **descobertas e imagéticas do século XX**.

Desde a descoberta do **selênio** em 1817 até o **iconoscópio** em 1924 e a primeira **transmissão televisiva** em 1939, passando pela **massificação da TV** nos anos 1950, pelo **vídeo** nos anos 1960 e pelo **chip** nos anos 1970, tudo transcorreu numa partícula de tempo arrebatadora jamais vista ou sentida pela humanidade.

Concentram-se no último período geracional as revoluções e movimentos artísticos, musicais, dramáticos e teatrais mais impactantes, todos numa cadência ininterrupta e impressionante.

CURVA EXPONENCIAL DA COMUNICAÇÃO DE MASSA

A velocidade progressiva da comunicação de massa é tão intensa que o **tempo real** parece correr mais rápido do que os próprios fatos históricos que lhe dão vida. Se até em termos cotidianos a vida é assim, na dramaturgia sentimos um **processo de sínteses** tão expressivas que as cenas se tornam mais curtas, como se tudo tivesse de ser contado pelo roteirista com rapidez e sem perda de tempo. A ação dramática não pode parar (ver capítulo 6, "A construção dramática").

A dramaturgia nasceu como um suporte para a teologia e a religião. Com o tempo se tornou a própria **arte da ilusão** e, acima de tudo, **uma expressão autoral**, já que sempre existirá alguém que escreverá, **concretizará em palavras sua imaginação**, uma história para ser contada para os outros seres.

É bom lembrar que nos altares gregos, romanos, incas etc. seres mascarados se passavam por enviados dos deuses e proclamavam sentenças e presságios para povos atônitos. Hoje não é muito diferente. Os políticos se maquam, os sacerdotes usam paramentos e os generais suas fardas. Todavia a verdadeira ficção acontece nas telas de cinema, TV e computador. Ali é que o reino da imaginação acontece de fato.

E abro um parêntese para alertar quanto à diferença entre os termos **imaginação** e **fantasia** na dramaturgia. Pois, enquanto a imaginação percorre tempo e espaço dando asas ao criador, a fantasia se torna até certo ponto um mecanismo restritivo ao repetir várias vezes a mesma história ou o mesmo desejo obsessivamente (ver capítulo 3, “A ideia”).

Advirto também que não vou me debruçar sobre a história da dramaturgia com seus autores clássicos, dramaturgos e roteiristas, pois existe soberbo material bibliográfico e iconográfico sobre o tema. Em todo esse universo chamo a atenção apenas para a **força viva da expressão e representação do humano**, absorvendo até a própria teologia inicial que a criou e lhe deu abrigo. Vide representações da paixão de Cristo, da vida de Abraão e de outros profetas. Filmes, séries, minisséries e representações religiosas feitas por atores e com roteiros originais.

Resumindo: se sabemos como e por que nasceu a **curva exponencial** que vivemos hoje, não temos previsão de até onde ela pode chegar. O jogo da dramaturgia é muito mais aleatório do que as sete notas musicais e por conseguinte apalpa o **infinito**, pois existem infindáveis tipos de identidade de cena, tanto de cenas essenciais como de cenas de transição e integração (sobre cenas, ver capítulo 8, “A unidade dramática”).

A dramaturgia é **lúdica**, porque tem como atração os limites da alma do homem, seus afetos, iras, paixões etc., e isso a cada instante marcado por um conflito. Como um deus falhado, sempre em dúvida, que é capaz de voar, alcançar a lua, conhecer as estrelas, mas tem a alma de um grego que caminha de sandálias como há dois mil anos.

Em outras palavras, apesar de termos toda essa **tecnologia** a nosso dispor não mudamos um milímetro de nossa alma inconsciente e conflitante. Não seguimos selvagens, mas ainda somos bárbaros. Matamos, odiamos, amamos, somos contraditórios e acima de tudo injustos. Somos **poços de conflitos**, e é essa água que dá vida à dramaturgia.

A dramaturgia não dá solução para a existência, muitas vezes levanta questões e uma das suas razões de existir é bem simples: **o que se faz nos palcos e nas telas não se deve fazer na vida**. Por meio de suas personagens, constrói e desconstrói o homem e às vezes é ultrapassada pela própria realidade, quando se escuta: “Essa história dava um filme”, “Como essa mulher fez isso?” etc. Isso porque a dramaturgia trabalha com